

## RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

## 158. AROUCHE

“Arouche” é um dos topônimos mais conhecidos na capital paulista. Designa uma pequena, mas importante rua e um enorme largo, um dos maiores logradouros da grande cidade. O nome relembra uma das figuras mais expressivas de São Paulo de outrora: o Marechal-de-Campo-José Arouche de Toledo Rendon (1756-1834), de tradicional família de origem espanhola, como o demonstram os seus três sobrenomes, “Arouche”, “Toledo” e “Rendon”. Ocupou cargos políticos e administrativos de relevância, tendo sido o primeiro diretor da Faculdade de Direito, criada em 11 de agosto de 1827. Arouche dirigiu-a até 1833, ou seja até pouco antes de seu falecimento. Introduziu em São Paulo a cultura do chá, que cultivou em sua chácara localizada onde, mais tarde, foram abertas as vias públicas que receberam seu nome.

Deixou Arouche numerosos trabalhos jurídicos, literários, históricos e científicos. Um dos primeiros volumes da preciosa coleção “Paulística”, esplêndida realização de Paulo Egídio Martins quando governador do Estado, foi inteiramente consagrado a Arouche, reunindo os seguintes escritos de sua autoria: **Reflexões sobre o estado em que se acha a agricultura na Capitania de São Paulo**, **Memória sobre a plantação e cultura do chá**, **Memória sobre as aldeias de índios da Província de São Paulo**, e ainda uma curiosa “oração problemática”, indagando se “a um governador resulta mais glória ser aluno de Marte ou de Minerva”. E para completar o volume, diversos poemas.

Assinale-se que este precioso volume, reunindo o que há de mais substancial na produção do grande paulista e intitulado simplesmente **Obras**, foi sobremaneira enriquecido com a introdução e as numerosas notas que lhe apôs o ilustre historiador e acadêmico Paulo Pereira dos Reis, meu preclaro confrade da Academia Paulista de Letras e da Academia Paulista de História. Não querendo ser repetitivo, reproduzindo o que outros já haviam escrito, o prefaciador preferiu abordar a vida e a obra de Arouche

Rendon sob um ângulo novo, ainda não explorado: as suas idéias filosóficas, ainda que subjacentes, mas que se podem entrever em seus escritos, gestos e atitudes de um homem justo e servidor público dedicado. E lembrou bem, afirmando que duas das proposições de Arouche, no início do século passado, são ainda atuais: a condição social do índio e o constitucionalismo. E concluindo a apreciação da obra do grande paulista, deixou claro que em sua vida e obra encontramos uma hierarquia de valores que deveria, até hoje, presidir a vida e as relações humanas: o primado do espírito humanístico, “porque uma visão antropocêntrica do homem tornaria o profissional mais gente e menos animal...” (16-6-1987).

\*

### 159. MONTOYA E O UNIVERSO MISSIONEIRO

A publicação, há cerca de três anos, da primeira edição brasileira do famoso livro do Padre Montoya (**A Conquista Espiritual**), magnífico empreendimento editorial levado a efeito pelo editor Martins, de Porto Alegre, parece ter estimulado os promotores do Sexto Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros a tomar a vida e a obra do grande jesuíta como centro da importante reunião que a Faculdade de Filosofia Dom Bosco, de Santa Rosa, promoveu em outubro de 1985. Já tenho me ocupado, neste local, dessas importantes reuniões missioneiras. Embora não tenha tido, ainda, oportunidade de delas participar, acompanho com interesse suas realizações e recebo os respectivos anais que regularmente são publicados.

O que, a meu ver, mais digno de nota se apresenta — escrevi de certa feita — é a conscientização que se sente a todo instante do interesse em torno dos estudos multidisciplinares que o mundo missioneiro propicia. Rara a cidade da região que não tenha um centro de estudos dedicado à temática missioneira e a preocupação de simpósios bienais vem, efetivamente, coroar todos os esforços, propiciando numerosas atividades — exposições, conferências, debates, mesas-redondas, enfim tudo aquilo que, publicado após a necessária triagem, vem constituindo precioso subsídio, avolumado cada dois anos, à bibliografia de uma das mais significativas áreas culturais do País.

É de se louvar a regularidade com que os anais dos “Simpósios Missioneiros” são publicados. Seis volumes até agora já foram distribuídos, contendo o balanço dos trabalhos realizados na linha cidade gaúcha de Santa Rosa, bem como o texto integral das conferências pronunciadas. E com a colaboração de elementos de outras regiões do Brasil e dos países vizinhos igualmente interessados na temática missioneira.

Assim, é com muita satisfação que registro o aparecimento dos **Anais do Sexto Simpósio de Estudos Missionários**, trazendo, como título geral "Montoya e as reduções num tempo de fronteiras", no qual se aprofunda "a análise do sentido histórico das missões jesuítico-guaranis do período vivenciado por Montoya, que se caracteriza pelo encontro de dois colonialismos sobre os índios e pela experiência jesuítica de organização reducional". A análise da vida e obra do famoso jesuíta tem implicações que evidenciam o sentido humano e evangelizador da ação missionária na América do Sul. Daí, o interesse deste volume, que encerra quatorze artigos e mais oito "comunicações" apresentadas ao Simpósio de Santa Rosa, realizado em outubro de 1985. (15-7-1987).

\*

## 160. BARÃO DA VILA DA BARRA

Mais de cinquenta anos não me fizeram esquecer uma aula de Arthur Mota na antiga Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, simpática iniciativa surgida em São Paulo lá por 1931 ou 32, a cuja frente se encontravam figuras expressivas da intelectualidade de nossa terra: Antônio Piccarolo, Alcântara Machado, Otoniel Mota, Alberto Seabra, Alfredo Ellis Júnior, Francisco Isoldi, Yan de Almeida Prado, Marques da Cruz, Ricardo Severo e o já citado Arthur Mota. De toda esse plêiade brilhante, apenas sobrevive Yan de Almeida Prado, para alegria de seus amigos e confrades da Academia Paulista de Letras, aonde comparece infalivelmente todas as quintas-feiras.

Arthur Mota era engenheiro, dirigia na ocasião da Repartição de Águas da Capital, mas era como professor de Literatura que pontificava naquela Faculdade, precursora, por vários anos, da Faculdade de Filosofia oficial, que veio a ser criada com a fundação da Universidade de São Paulo. Diante desta, a modesta entidade que funcionava à noite no edifício da Escola Normal da Praça da República perdeu sua razão de ser e acabou encerrando suas atividades. Tive oportunidade de freqüentá-la em seu último ano de funcionamento. Arthur Mota era autor de uma importante **História da Literatura Brasileira**, em dois volumes, tendo deixado inéditos outros dois, que só vieram a ser publicados pela Academia Paulista de Letras mais de quarenta anos após o seu falecimento, que ocorreu em 1936.

Na aula a que, de início, me referi, Arthur Mota tratava da **Divina Comédia** e externou os mais louváveis conceitos sobre a tradução do imortal poema feita pelo Barão da Vila da Barra. De tal modo, que desper-tei-me interesse em conhecer alguma coisa sobre Francisco Bonifácio de

Abreu, nascido a 29 de novembro de 1819, na localidade de que tomou o título — a Vila da Barra, hoje apenas Barra — às margens do trecho baiano do rio São Francisco. E ao percorrer, anos mais tarde, o vale do São Francisco e passar pela velha “Barra”, paupérrima e quase em vias de desaparecimento, não foi sem emoção que me lembrei de que ali nascera quem ligou seu nome a uma das maiores criações do gênio humano, qual o imortal poema de Dante Alighieri.

Francisco Bonifácio de Abreu formou-se em medicina e como médico participou da Guerra do Paraguai. Posteriormente, veio a ser professor de Química da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e médico da Casa Imperial. Ingressando na política, foi deputado em várias legislaturas e presidiu as províncias do Pará e Minas Gerais. No Rio de Janeiro, faleceu a 30 de julho de 1887, transcorrendo, pois, amanhã o centenário de seu passamento. Dedicou-se à literatura, publicando vários livros, mas, como bem o lembra Lycurgo de Castro Santos Filho, que dele cuidou em sua **História da Medicina no Brasil**, seu maior mérito literário é a tradução da **Divina Comédia**, que não chegou a ver publicada, pois só apareceu no ano seguinte ao de seu falecimento. (29-7-1987).

\*

## 161. GILBERTO FREYRE

Estava concluindo o curso secundário (1933), quando apareceu **Casa Grande e Senzala**, saudado encomiasticamente como um marco profundamente significativo da cultura brasileira. Não me senti suficientemente preparado para lê-lo. Só o fiz dois ou três anos depois, à espera de melhor amadurecimento que me tornasse em condições de usufruir de toda a grandeza e de todo o significado livro.

Tanto quanto o texto, bastante alentado, interessou-me o prefácio dessa primeira edição, reproduzido em todas as outras edições. Inútil ler o livro sem esse prefácio. Nele, o autor informa não apenas o porque de o haver escrito, como (e principalmente) a técnica que empregou e o material que utilizou. Fontes preciosas eram pela primeira vez (este o grande pioneirismo de Gilberto Freyre) usadas na pesquisa histórica. Desnecessário dizer o quanto isto abriu perspectivas para os estudos de história social.

**Casa Grande e Senzala**, no qual o autor estudou a sociedade patriarcal do Nordeste, teve prosseguimento com **Sobrados e Mucambos**,

que trata da decadência do patriarcado rural e do desenvolvimento urbano no Brasil do século XIX. Este apareceu em 1936 e foi consideravelmente aumentado para posteriores edições.

À margem do grande tema dos seus primeiros livros, mestre Gilberto produziu uma obra imensa, que atinge dezenas e dezenas de volumes. Além dos mencionados, guardo minha preferência por mais três obras da grande produção gilbertiana, tanto quanto as primeiras, exemplos modelares de pesquisa: **Nordeste**, no qual se estuda a influência da cana-de-açúcar na paisagem humana e social da região; **Inglese no Brasil**, em que se estuda — como o título o indica — a influência inglesa na vida brasileira, não apenas na economia, mas igualmente na cultura, na política e na sociedade; e **Um engenheiro francês no Brasil**, em que o autor analisa particularmente a influência de Vauthier em Pernambuco.

Tão grande quanto a obra que realizou, foi a influência que exerceu sobre a nova geração de sociólogos, antropólogos e historiadores do Nordeste, todos eles — uns mais, outros menos — sofrendo a poderosa marca do mestre. Para estímulo desses novos foi que fundou, no Recife, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, ora transformado na Fundação Joaquim Nabuco, que constitui inegavelmente o maior centro de pesquisa existente no Brasil, na área das ciências sociais, como o demonstram os importantes trabalhos que tem publicado.

É-me grato evocá-lo, saudosamente nesta nota. Tive o privilégio de conhecê-lo. Saudei-o, há mais de trinta anos, numa reunião de geógrafos realizada em Garanhuns, no interior de Pernambuco, e foi com alegria que o ouvi, vinte e tantos anos depois, lembrar-se de minhas palavras naquele momento para mim tão significativo. Uma simples nota como esta, para Gilberto Freyre é muito pouco. Ainda voltarei a dele me ocupar. (5-8-1987).

\*

## 162. MEMÓRIAS DE MISSIONÁRIOS

Isnard Rocha, ilustre pastor metodista, de quem já me ocupei neste local a propósito de um dos seus livros sobre a história de sua comunidade religiosa, publicou há pouco, no jornal de sua Igreja, pequena mas oportuna nota sobre o livro de memórias de um antigo missionário que por cerca de meio século viveu no Brasil: o rev. Charles A. Long, falecido nos Estados Unidos em março do ano passado, com a excepcionalidade de cento e cinco a anos. Em 1972, publicou sua autobiografia

(*Memoirs*), traduzida pouco depois para a nossa língua, com um prefácio de Luiz Angelo Milazzo, meu antigo companheiro dos bancos escolares do Granbery, de Juiz de Fora, há muito radicado em Goiânia, onde lecionou e exerceu importantes cargos administrativos e eletivos.

Tive oportunidade de ler, logo que apareceu a edição brasileira, as *Memórias* de "Mister" Long, que muito me interessaram, especialmente porque tive o privilégio de conhecê-lo. A princípio em Petrópolis e, mais amiudamente, em Juiz de Fora. Long integrava o Conselho Diretor do Granbery, na época em que nele estudei, e isto lhe propiciava ir com frequência à grande cidade mineira. Enquanto lia suas memórias e, particularmente, depois da nota de Isnard Rocha, a que fiz referência, fiquei a pensar no valor extraordinário dessas narrativas autobiográficas, não só pela experiência que refletem, mas pelo que podem servir ao conhecimento do País, ou de certos aspectos dele, na época em que esses missionários por aqui andaram e aqui viveram.

Tanto quanto os missionários católicos (um Tapie ou um Colbacchini, por exemplo), os evangélicos, de quaisquer denominações (presbiterianos, metodistas, batistas) podem gabar-se de profunda vivência do Brasil. Notadamente aqueles que, além de pastores, foram professores e diretores de grandes estabelecimentos de ensino, como os fundados pelas missões protestantes em quase todo o País. Ou então os que se dedicaram a obras sociais. Já lembrei neste mesmo local o interesse de livros como os de Tucker e Glass, aos quais acrescentam-se, agora, os de Long e Buyers, seu companheiro de comunidade. E quantos outros não existirão, ainda por traduzir?

Long e Buyers chegaram até os nossos dias. Fico pensando igualmente naqueles que viveram no século passado, os quais, à moda de Kidder e Fletcher, conheceram bem o Brasil e sobre ele certamente escreveram. A época em que começa a propaganda protestante no Brasil (segunda metade do século passado) é de profunda significação social, cultural e religiosa em nosso País. Será interessante conhecer as impressões e os depoimentos desses homens de outra confissão religiosa. Eis uma pesquisa a ser feita nos arquivos das comunidades evangélicas do Brasil. Que fonte magnífica à espera de pesquisadores! (9-9-1987)

\*

### 163. "ÁGORA"

Pelo nome de *ágora* designavam os gregos as praças públicas de suas cidades, o local preferido para assembléias, comícios, manifesta-

ções políticas, enfim tudo aquilo que, pela sua natureza, devesse atrair muita gente. Nas **ágoras** debatia-se, discutia-se, cada qual defendendo seus pontos de vista, seus princípios. Era, pois, a **ágora** parte essencial, vital mesmo para a vida cotidiana da **polis**.

Esta evocação da **ágora** grega vem a propósito de uma publicação, surgida em Florianópolis, e que me apraz registrar. Constitui ela a revista da Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Foram buscar os "amigos" do arquivo catarinense a histórica palavra para designar o veículo de divulgação e debate sobre os problemas que motivaram a criação da Entidade, os quais, em última análise, são todos os pertinentes ao Arquivo e, por extensão, à própria memória catarinense.

A simpática revista surgiu em junho de 1985 e até agora sete números já foram publicados, contendo matéria bastante variada, porém sempre dentro da temática arquivística. Nela tem colaborado com frequência expressivas figuras das letras históricas de Santa Catarina, como, entre outros, Walter F. Piazza, Iaponam de Araújo (diretor do Arquivo), Ana Lúcia Coutinho Locks, Jali Meirinho e Edison Mueller, este com um extenso e substancioso estudo sobre a heráldica municipal catarinense, com o qual procurou corrigir diversos erros de Afonso de Taunay, quando este grande historiador se propôs a compor brasões para várias cidades catarinenses. A registrar-se, também, a colaboração de Heloisa Liberalli Bellotto, da Universidade de São Paulo e grande especialista em arquivos.

Simpática a capa de um dos últimos números, e estampando fotografia dos quatro irmãos Boiteux, ilustre família catarinense, quase todos dados a estudos históricos, notadamente Lucas Alexandre Boiteux, realmente um dos grandes nomes da historiografia catarinense e da historiografia militar (naval) brasileira, como brilhante oficial da Marinha que foi.

Longa vida à **Ágora** é o que podem e devem desejar todos os interessados na pesquisa histórica. (30-9-1987)